

# O pequeno guardião das florestas

*Uma entidade ambientalista consegue dobrar madeireiras e varejistas*

POR JIM CARLTON

Repórter do THE WALL STREET JOURNAL

Em março do ano passado, estranhos anúncios começaram a soar pelo sistema de comunicação interna em dúzias de lojas da Home Depot Inc. nos Estados Unidos.

"Atenção clientes, no corredor sete vocês encontrarão mogno arrancado do coração da Amazônia", declarava um. Pasmos, gerentes da gigante varejista de materiais de construção e acabamento dispararam pelos corredores tentando deter os militantes ambientalistas responsáveis pelo incidente, que haviam conseguido acessar o sistema de comunicação interna. Depois de meses de ocorrências similares, a Home Depot cedeu em agosto do ano passado às pressões para que cessasse a venda de madeira proveniente de florestas ameaçadas — e, em vez disso, estocasse produtos de madeira certificados por um certo Conselho de Manejo Florestal, conhecido pela sigla FSC.

Se você nunca ouviu falar do FSC, são boas as chances de que em breve possa ouvir. Com sede numa desgastada mansão da cidade mexicana de Oaxaca — por causa da localização estratégica dela entre as florestas dos hemisférios Norte e Sul — e somente 15 funcionários, a organização, que existe há sete anos, desenvolve um extraordinário poder no setor madeireiro mundial. Ela está no Brasil há cinco anos, já convenceu várias grandes madeireiras da região amazônica a seguir seus critérios de manejo florestal e planeja iniciar no ano que vem uma campanha de conscientização do consumidor brasileiro. Com seu pendor para autopromoção ao estilo hollywoodiano e talento diplomático de primeira, o FSC conseguiu fazer com que militantes ambientalistas radicais e líderes de algumas das corporações mais escrupulosas dos EUA concordassem com uma agenda comum.

E que agenda. O FSC espera um dia tornar impossível que madeireiros vendam seus produtos no mercado internacional se estes não tiverem o selo de aprovação da organização. Isso significa que árvores não poderão ser arrancadas de forma que coloquem em risco a saúde de florestas, ou de plantas ou animais ameaçados de extinção. As madeireiras não poderão poluir rios, utilizar herbicidas em

demasia ou deixar colinas expostas à erosão. E elas deverão lidar com cuidado com os direitos dos trabalhadores, especialmente os dos nativos locais.

O FSC já teve surpreendente progresso. Nos EUA, outras grandes empresas de produtos de madeira seguiram o exemplo da Home Depot. Ao todo, comerciantes que juntos vendem mais de um quinto de toda madeira usada no mercado de acabamento de residências nos EUA já adotaram o padrão FSC, enquanto na Europa o nível de aceitação é ainda maior.

No Brasil, os órgãos não-governamentais que auxiliam o FSC na fiscalização da exploração da madeira, como o Greenpeace, ainda estão dando os primeiros passos na campanha de conscientização dos empresários do setor. O trabalho de certificação é feito por técnicos do Imaflo — Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola e outras duas organizações



Timothy Synnott

internacionais ligadas ao FSC. Por enquanto, eles se concentram na cadeia produtiva e de distribuição. O país tem a maior área de reflorestamento do mundo e, segundo o coordenador do Greenpeace no Brasil, Rui de Goes, 10% dela hoje cumpre os padrões estipulados pelo FSC. Depois de garantida oferta certificada suficiente, a idéia é partir para a campanha com os consumidores.

As empresas de exploração da madeira nativa também estão aderindo. A Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Pará diz apoiar a certificação e afirma que vários de seus membros deverão recebê-la em breve. Ela está pressionando o governo para que a Associação Brasileira de Normas Técnicas também possa fazer a certificação. "A exclusividade da FSC tem caráter de monopólio", diz Guilherme Carvalho, diretor técnico da entidade.

Executivos do setor madeireiro em todo o mundo dizem que o movimento está se tornando importante rapidamente, e que logo o certificado de aprovação do FSC pode tornar-se uma exigência.

"Não há a menor dúvida que o FSC

mudou a estrutura do setor", diz Catherine Mater, uma consultora americana de produtos florestais.

Nem todo mundo acha que a mudança é para melhor. A maioria das madeireiras nos EUA, temendo que o FSC seja extremo demais, uniu-se para criar um grupo de certificação rival, disparando uma guerra de relações públicas. O FSC respondeu com anúncios nas revistas *People* e *Playboy* em que apresenta o ator Pierce Brosnan e a cantora Olivia Newton-John como porta-vozes. Alguns grupos ambientalistas, por sua vez, reclamam que o FSC é muito dócil com as madeireiras.

No meio da tempestade está um engenheiro florestal educado em Oxford chamado Timothy Synnott, que exerce o cargo de diretor executivo do FSC. Longe de ser um arruaceiro, Synnott, 57 anos, é um britânico de fala mansa que passa grande parte do tempo viajando pelo planeta, agindo como um diplomata das políticas controversas do FSC.

Ele se apressa a deixar claro que não fez parte dos ataques às lojas da Home Depot no ano passado — mas tampouco os critica — e chama atenção para o fato de que os piratas do sistema de comunicação são membros de um grupo chamado Rainforest Action Network (Rede de Ação pelas Florestas Tropicais). É fácil entender sua ambivalência: o alcance do FSC é tão amplo que tanto a Rainforest Action, com sede em São Francisco, quanto a Home Depot são membros da organização.

"Nossos membros operam da forma que acham melhor", diz Synnott.

Isso é parte do apelo. Quando ajudou a criar o grupo em 1993, ele e seus colegas queriam incluir o máximo possível. Isso significa que grupos ambientalistas como o Greenpeace e o Amigos da Terra dividem espaço com grupos como a escandinava Inter IKEA Systems BV, varejista de artigos para casa, e a fabricante sueca de papéis AssiDoman AG, cujo ecologista é o atual presidente do FSC. A eclética combinação de 300 membros ajuda quando se trata de levantar recursos: tanto a Comissão Européia quanto a World Wildlife Fund, bem como várias fundações privadas, contribuem para o orçamento anual de US\$ 2 milhões do FSC.

— Di Pinheiro colaborou neste artigo